

## **Caminhos do projeto ALiB: reflexões sobre a emergência da identidade social de faixa etária**

Marcela Moura Torres PAIM<sup>1</sup>  
Michel Silva GUIMARÃES<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta um estudo sobre a emergência de identidade social de faixa etária através da análise de inquiridos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Apresentam-se considerações sobre as abordagens linguísticas da identidade, em especial, sobre a identidade social de faixa etária, considerando a linguagem enquanto prática discursiva que constrói representações de identidade social. A análise empírica tem por base esses dados com o intuito de verificar as tendências dos informantes de marcar temporalmente seu discurso. A partir da análise realizada, observou-se que os recursos linguísticos encontrados nas entrevistas demonstram que a identidade de faixa etária depende basicamente da categoria tempo, pois esta atua nessa linguagem como elemento ordenador na elaboração do discurso, manifestando-se em dois pólos – o antes e o agora – visando às aposições desejadas entre passado e presente típico dos discursos pertencentes a uma faixa etária mais avançada.

**Palavras-chave:** Linguagem; Identidade social; Faixa etária.

**Abstract:** This paper presents a study about the emergence of the age-group social identity through documentation collected from inquiries of the Linguistic Atlas Project of Brazil (ALiB Project). One takes into consideration the identity linguistic approaches, mainly regarding age-group social identity. Considering language as a discursive practice that builds social identity representations, the empirical analysis is based of the ALiB Project, with the aim of verifying the tendencies of the informers to mark their speech temporally. Starting from the analysis performed, one could observe that the linguistic resources found in the interviews show that the age-group identity depends basically on the time category, because it acts in this kind of language as an organizing element in the elaboration of the speech, clearly shown in two poles – the *before* and the *now* – aiming at the desired appositions between past and present, typical of speeches belonging to an older age-group.

**Keywords:** Language; Social identity; Age-group.

### **Introdução**

No presente artigo, analisaremos a fala de informantes pertencentes ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante Projeto ALiB, em busca de elementos que caracterizem a construção, projeção e manutenção da identidade social de faixa etária, principalmente, elementos como o léxico e os marcadores temporais, que situam a fala e o indivíduo idoso temporalmente.

Para refletir sobre a emergência da identidade social de faixa etária, esse artigo se utilizou de informantes, oriundos de parte do *corpus* já levantado pelo Projeto ALiB. Os informantes são de quatro

---

1 Professora Adjunto da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador - BA. Correio eletrônico: mmtpaim@ufba.br

2 Graduando do Curso de Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna – Espanhol, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador - BA. Correio eletrônico: platiny8@yahoo.com.br

localidades baianas, a saber: Alagoinhas, ponto 088, Caetité, ponto 096, Ilhéus, ponto 099, e a capital, Salvador, ponto 093. A opção de se trabalhar com este *corpus* está no fato de este conter recursos linguísticos que demonstram a construção, projeção e manutenção da identidade social de faixa etária.

### **Estabelecendo um ponto de partida: o Projeto ALiB**

O passado como fonte tópica, como regulador da estrutura tópica discursiva, pode fornecer outras pistas para a compreensão da linguagem dos idosos. De fato, fatores culturais agem sobre esses falantes, levando-os a estruturarem seu discurso dentro de parâmetros diversos dos realizados pelos falantes de outras faixas etárias. Tal aspecto será observado em inquéritos do Projeto ALiB – empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento – que tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à língua portuguesa, desejo que permeia a atividade dialetal no Brasil, desde começo do século XX e ganha corpo nesse final/comoço de milênio, a partir de iniciativa de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras.

Com tal concepção, o Projeto ALiB buscou o caminho de uma metodologia que permitisse alcançar o alvo colimado, para o conhecimento da qual se destacam: a rede de pontos, o perfil dos informantes, os questionários linguísticos e a realização de inquéritos linguísticos experimentais.

Para recobrir todo o país, o Projeto estabeleceu uma rede constituída de 250 localidades, distribuídas por todo o território nacional, levando-se em consideração a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área. Nesse sentido, o Projeto ALiB não considera prioritários critérios como antiguidade e grau de isolamento com relação a centros mais desenvolvidos na região, incluindo-se, assim, cidades de grande e médio porte e, inclusive, todas as capitais, à exceção apenas de Brasília (Distrito Federal) — em vista da data de sua criação — e Palmas, capital do recém-criado Estado de Tocantins, cidade ainda em formação, sem habitantes nela nascidos.

O perfil dos informantes procura atender a questões espaciais,

por isso são filhos da localidade pesquisada e de pais também da área, mas também inclui o controle de variáveis sociais, tais como idade, sexo e escolaridade. O número total é de 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos — e contemplando os dois sexos.

Nas capitais de Estado, são acrescentados mais quatro informantes de nível universitário, observadas as mesmas correlações de sexo e faixa etária. Quanto à escolaridade, devem ser alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até a quarta série do ensino fundamental, salvo o que já se disse de referência às capitais, e possuidores de uma profissão definida, que se encontre inserida no contexto social local.

Na impossibilidade de se documentarem três diferentes faixas etárias, o que acarretaria um aumento de custos, optou-se pelo registro de informantes de faixas mais distanciadas. Tal opção procura atender às possibilidades de melhor confronto entre usos por diferentes faixas etárias e, também, propiciar a análise da variação e da mudança linguísticas. Sobre essa questão, pode-se fazer referência às dissertações de Mestrado com os dados do Projeto ALiB de Viviane de Deus Deiró (UFBA) intitulada *TU OU VOCÊ? O tratamento do interlocutor no português do Brasil a partir de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: ALiB*, e de Sanimar Bunse (UEL), denominada *Questões metodológicas para um estudo da fala do oeste do Paraná*.

Como se vê desse breve perfil, há o interesse de buscarem-se as relações língua-fatores sociais como forma de responder-se a questões geolinguísticas da realidade atual.

De referência ao questionário linguístico, deliberou-se pela aplicação de três tipos de questionários direcionados, cada um deles, para os aspectos: (a) fonético-fonológico — 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexical — 202 perguntas; e (c) morfossintático — 49 perguntas.

A esses três tipos de questionários, acrescentam-se: questões de pragmática (04), temas para discursos semidirigidos — relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal —, perguntas de metalinguística (06) e um texto para leitura — a "Parábola dos sete vimes".

Dos questionários, publicou-se uma primeira versão, em 1998,

a fim de atender a solicitações de pesquisadores interessados em conhecer e testar esse instrumento da metodologia do Projeto ALiB e propiciar as aplicações de caráter experimental previstas e realizadas em diferentes pontos do país. A partir do que revelaram esses inquéritos, procedeu-se a uma análise crítica e à reformulação dos questionários com vistas à elaboração da versão final a ser aplicada em todo o território nacional. Essa versão foi publicada pela Universidade Estadual de Londrina, em 2001.

A análise da relação linguagem e identidade social de faixa etária de falantes do Projeto ALiB será feita na base dos postulados teóricos expostos acima, a partir do exame de narrativas em função das necessidades da interação verbal, considerando os próprios valores e os do ouvinte ou audiência. Enfim, nos esclarece Preti (1991, p.100) que, sendo um artifício que se vale fundamentalmente da categoria tempo, as narrativas demonstram o quanto a vida dos falantes mais velhos permanece centrada no passado. Buscando no arquivo da memória fatos para ilustrarem suas ideias, os "idosos velhos" vão acumulando uma preciosa documentação da longa "viagem no tempo" a que costumam entregar-se durante a conversação.

### **Os dados do Projeto ALiB e a emergência da identidade social de faixa etária**

Para refletir sobre a questão da identidade social de faixa etária, utilizou-se a postulada Teoria Social do Discurso, por Fairclough, em *Discurso e Mudança Social* (2001, p.44). Segundo o referido autor, o discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Assim, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes.

Dessa forma, o discurso é uma prática de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. Tal prática focaliza, entre os aspectos relativos aos efeitos construtivos, a construção, manutenção e projeção de identidades sociais. Em outras palavras, pode-se dizer que o discurso é o local onde as identidades sociais são estabelecidas.

Embora não configurem um tema preferencial para a área, as questões de identidade social têm sido estudadas também no campo da linguística. Com o fim de situar a perspectiva de identidade social adotada neste trabalho em relação a essas abordagens, foi tomado como base o trabalho de Hoffnagel (1999), considerado para este tema. Demarcando uma perspectiva de análise na sociolinguística interacional, Hoffnagel (1999, p.81), comentando Ochs (1993, p.289), esclarece que:

a identidade social é formada de uma gama de *personae* sociais que pode ser invocada ou atribuída ao longo da vida, não sendo, portanto, fixa nem categórica, pois um indivíduo pode evidenciar aspectos diferentes como faixa etária, sexo, profissão, etc, dependendo de com quem se está interagindo. (HOFFNAGEL, 1999, p.81)

Nesta pesquisa, focalizamos uma das dimensões da identidade social: identidade de faixa etária na fala de informantes a partir de inquéritos da região baiana do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. A opção de se trabalhar com este *corpus* encontra-se no fato de este conter recursos linguísticos que revelam o estereótipo: “os tempos antigos eram diferentes” e que transmitem a construção, projeção e manutenção da identidade social de faixa etária.

Os estudos sociolinguísticos e de análise conversacional com as pessoas idosas ainda estão engatinhado, se pensarmos na imensa população idosa que temos hoje e que se estima que teremos no futuro. Dentre tais estudos, destaca-se o do pesquisador Preti (1991, p. 11) que em sua metodologia classifica os idosos em dois subgrupos: os “idosos jovens” (entre 60 e 80 anos) e os “idosos velhos” (acima de 80 anos). O autor acredita na necessidade dessa subdivisão pelo fato de que, após os 80 anos, tornar-se-ia quase impossível um indivíduo fugir do estigmatizante rótulo de velho e da consciência da velhice. A partir dos 80 anos, “as dificuldades de relacionamento social pela linguagem e o agravamento dos problemas de audição e da fala tornam a linguagem desses idosos mais característica” (PRETI, 1991, p.11).

Se tomássemos como paradigma a subdivisão pretiana, teríamos no Projeto ALiB, com sorte, alguns idosos jovens, já que a faixa II começa aos 50 anos. Então, o que nos permite analisar os informantes da faixa II como idosos/velhos? O próprio sentimento dos informantes dessa faixa, que se veem e creem como velhos.

Nesse sentido, o informante 03, de Alagoinhas, ponto 088, homem de 65 anos, quando perguntado sobre o nome de uma ave com penas coloridas que pode aprender a falar, pergunta 068 do questionário semântico-lexical, que espera como uma possível resposta o item lexical *papagaio*, responde:

**INQ.** – *E essa ave de penas coloridas que pode aprender a falar?*

**INF.** – *Eu tô doido por um. Papagaio (risos).*

**INQ.** – *É? O senhor gosta de criar?*

**INF.** – *É porque pra velho num tem coisa melhor que um papagaio, né? Só quem pode tolerar velho é um papagaio (risos). Eu já tô caminhando. (Risos)*

**INQ.** – *Já tá se preparando?*

**INF.** – *Tem que se prepará, né?*

**INQ.** – *E chama o papagaio de outro jeito? O povo aqui.*

**INF.** – *Normalmente chama papagaio.*

A informante 04, também de Alagoinhas, ponto 088, mulher de 58 anos, quando perguntada sobre como um jovem se dirigiria a um homem idoso e a uma mulher idosa para lhes devolver um objeto perdido, perguntas 002 e 004, respectivamente, das Questões de Pragmática, responde:

*INQ.* – *E um objeto caiu do bolso de um homem idoso e ele não viu, como é que um rapaz jovem chama a atenção desse idoso?*

*INF.* – *"Sinhô, faz favô." Velho, se fô eu, eu chamo "Véi, vem cá". Mas... (risos). Que os pessoal sempre me... Repele, né? Que eu digo: "minha gente eu já tô velha", V. não diga, "velha é o mundo".*

*INQ.* – *O objeto caiu do bolso de uma mulher idosa e ela não viu, como é que um rapaz jovem chama a atenção dessa mulher?*

*INF.* – *Chama logo de véia. (risos) Num tem o to jeito (rindo). "Veia..."(rindo)*

*INQ.* – *Mas, o rapaz jovem vai chamar assim?*

*INF.* – *Num chama o que minha filha.*

*INQ.* – *Como é que ele chama?*

*INF.* – *“Ói véia, tá a í oh. Tá broca”. Inda diz que a véia tá brôca.*

Como vimos, ambos os informantes da localidade de Alagoinhas já reconhecem a si e a outros como idosos, como velhos, brocos, chegando ao ponto de o informante masculino crer que apenas uma ave, que possui a habilidade de imitar sons, inclusive os humanos, seria capaz de aceitar manter um diálogo com alguém velho, “É porque pra velho num tem coisa melhor que um papagaio, né? Só quem pode tolerar velho é um papagaio”(risos). O que nos mostra que, sim, os idosos ou velhos, mesmo os idosos mais jovens, são relegados a guetos e muitas vezes ao ostracismo, uma exclusão que se inicia no seio familiar e se estende para as outras relações sociais. Vejamos depoimentos mais rápidos, porém não menos esclarecedores de como a faixa II do Projeto ALiB se vê como velha.

O informante 07, de Salvador, ponto 093, homem de 58 anos, quando perguntado como um rapaz jovem se dirigiria a uma pessoa idosa para lhe devolver um objeto, responde:

***INQ.* – *E se for uma pessoa de idade?***

***INF.* – *Eu acho que (inint) a mesma coisa: senhor ou senhora, talvez. Agora também por que já tô ficando velho. (risos)***

***INQ.* – *Velho é o mundo, a gente não fica velho.***

O informante 08, de Salvador, ponto 093, mulher de 54 anos, quando perguntada sobre o nome de um bicho que dá em esterco, em pau podre, pergunta 087 do questionário semântico-lexical, que espera como possível resposta o item lexical *coró*, responde:

*INF.* – *Não, eu chamo ele de verme, mesmo, entendeu? Eu chamo de vermizinho aquilo. Agora se tem nome aquilo eu num sei não, ainda brinco quando acho algum, eu digo assim: “hum! Oi! Os bicho já vem me mata, ainda tô velha, mas num murri”(risos).*

*INQ.* – *Ai!*



Esses dois últimos informantes citados, 093/7 e 8, diferentemente dos dois primeiros, 088/3 e 4, têm alto nível de escolarização, bons empregos e residem na capital do estado. No entanto, a despeito de toda variação diastrática e diatópica que possa existir entre eles, o sentimento de envelhecimento e de velhice é o mesmo para todos os quatro, o que nos mostra o quão inexorável é o peso do envelhecimento em todas as pessoas. Independente de classe social e de nível de escolaridade, o estigma da idade atinge a todos. O envelhecimento, tido preconceituosamente como um mal, atinge a todos nós. Então, por que não revemos nossa postura em relação às pessoas mais velhas, já que em algum momento poderemos ser velhos também?

O preconceito e a discriminação dirigida ao idoso em algum momento poderão se voltar contra o próprio agressor. Logo, para a pergunta que titula esse tópico a resposta é: sim! Os informantes da faixa II são idosos, talvez, não de forma plena, para a geriatria e outros estudos, por exemplo, mas para os estudos aqui realizados, não há dúvidas, já que eles se veem como idosos, se portam em suas falas como idosos, ainda sem grandes problemas como os apresentados pelos idosos velhos, com mais de oitenta anos, mas há forte presença da rememoração, do contraponto hoje/antigamente, do tom professoral, dos longos depoimentos, do conhecimento e uso de léxico arcaico e de um doloroso sentimento de exclusão.

Nesse sentido, o indivíduo velho sofre por parte da sociedade discriminação, exclusão e cerceamentos, a começar pelo direito que todos têm de livre expressão. A fala dos idosos começa a ser silenciada no seio familiar, por isso acreditamos veementemente que podemos caracterizá-los como um grupo de minoria, uma "categoria social", que, assim como as mulheres, por exemplo, têm os seus direitos podados. O cerceamento por parte da família em muito já atrapalha o trabalho de pesquisa realizado pelo Projeto ALiB. Com isso, podemos inferir que, talvez, outros trabalhos também estejam sendo dificultados, evitando, assim, a recolha de materiais para análises linguísticas.

Registra-se também o cerceamento por parte de familiares – marido ou filhos – da liberdade de indivíduos que aceitam, inicialmente, a solicitação do pesquisador, como se verificou, por exemplo, em Juazeiro, Seabra, e Itapetinga. Nas duas primeiras localidades, as informantes femininas – faixa etárias 1 e 2 – foram impedidas de participar dos inquéritos pelos respectivos cônjuges. Em Itapetinga, foram **os filhos que**



**proibiram um senhor de faixa etária 2 de comparecer à entrevista agendada, obrigando-o a desfazer, constrangidamente, o compromisso marcado.** (MOTA, 2006, p. 249 e 250. Grifo nosso).

Como vimos na afirmação de Mota (2006), o cerceamento familiar atinge, principalmente, a mulheres e idosos que se veem constrangidos e obrigados a retirar a palavra dada. O que também se percebe nos idosos é o abandono de boa parte das atividades que faziam quando jovens, mesmo as mais corriqueiras que não exigiriam muito esforço físico. Vejamos o depoimento da informante 099/4, mulher, faixa II, com nível de escolaridade fundamental, 57 anos, cidadã de Ilhéus:

*INQ. – Já foi no cinema?*

*INF. – Como eu era Jovem! Que tinha aquele cine Brasil ali...*

*INQ. – Quer dizer mais jovem, que a senhora quer dizer.*

*INF. – É. Aí eu sempre ia dia de sábado, dia de domingo, uma matinezinha assim, mas agora acabou.*

É interessante salientar que, na fala das pessoas mais velhas, há uma riqueza imensa; entre essas riquezas, está o léxico. Nas chamadas conversas de velho, é possível observar uma variedade lexical grande porque esses falantes possuem não apenas o falar contemporâneo, mas também os falares do passado, como se dizia antes e como se diz hoje, o como se dizia antes muitas vezes é mais presente nesses indivíduos que não abandonam suas formas de falar. A contínua falha na memória recente também faz com que eles se apeguem a um tempo que já passou.

Vejamos dois depoimentos, o primeiro, da informante 04, de Alagoinhas, ponto 088, mulher de 58 anos, quando solicitada a narrar um fato que ocorreu com outra pessoa na pergunta 004, dos temas para discurso semidirigido:

*INF. – Menina, porque o negócio é esse, que muitas das vezes eu num vou dizer a vocês que eu num ouço que eu ouço caso, mas o negócio é que não fica na minha cabeça, por causa da labirintite nem tudo fica, tá entendendo, essas coisa assim eu sô sei atual, o coisas mais velhas da minha vida de quando eu era nova, mas coisas d'agora eu...*

*INQ. – Não, né?*

*INF. – Não, eu num gravo por causa da labirintite.*

O segundo, do informante 096/3, habitante de Caetité, faixa II, 65 anos, a que se perguntaram as questões 036, 037 e 038 do questionário semântico-lexical, que espera como possíveis respostas *ontem, anteontem, trasanteontem*:

*INQ. – E domingo foi que dia?*

*INF. – Tresantonte.*

*AUX. – Oh, ele sabe tudo (risos)*

*INQ. – Sabe tudo o senhor.*

*AUX. – Que tem gente que não sabe dizer domingo não.*

*INQ. – Tem gente que não sabe dizer isso pra gente não.*

*INF. – É que isso é um dizer mais velho, né?*

*INQ. – É o povo hoje não fala mais nada.*

*AUX. – (risos)*

*INF. – Essa... A engenharia de hoje eu num entendo nada, sabe?*

*Mas as coisas mais velha a gente entende alguma coisa, né?*

Como vimos, a primeira informante diz estar com problemas de memória por causa da labirintite, mas diz ter mais recordações das coisas mais velhas de sua vida, coisas de quando era nova. Já o segundo informante diz conhecer das coisas mais velhas, a “engenharia” de hoje ele não entende.

Nos outros dados que colhemos, e aqui reproduzimos, podemos observar fortes marcas temporais, além do depoimento propriamente dito, a grande presença dos marcadores temporais, como “a engenharia de *hoje*”, “quando eu era nova”, “Como eu era jovem... Mas *hoje* acabou”, entre tantos outros.

É nos informantes da faixa II que encontramos a palavra *lapinha* para *presépio*, *está de boi* para *está menstruada*, *amarrou o facão* para *entrou na menopausa*, *arco da velha* para *arco-íris*, *rouge* para *blush*, variações que também podem ocorrer diatopicamente, mas ocorrem também como variação diageracional, como visto por nós diversas vezes em nossos dados. Infelizmente não podemos exemplificar tudo o que gostaríamos, mas vejamos os depoimentos das duas informantes

da faixa etária II de Salvador:

*INQ. – Certo. E aquilo que as mulheres usam no rosto pra ficar corada?*

*INF. – Eh... É "brash".*

*INQ. – Sim. E a senhora conhecia isso por outro nome... Antigamente?*

*INF. – Rouge.*

*INQ. – Ah...*

*INF. – Era.*

*INQ. – Era... Mas, hoje, não chamam...*

*INF. – Não... Agora é "brash".*

*INQ. – (inint)*

*INF. – Eu levei é muito tempo pra sabê que é "brash", eu conhecia como rouge. (risos).*

O referido depoimento da informante demonstra a emergência da identidade social de faixa etária que também acontece no exemplo a seguir:

*INQ. – E aquilo que as mulheres passam no rosto, assim oh, nas bochechas, como é que se chama?*

*INF. – Hoje em dia se chama blush, no meu tempo era rouge. (risos)*

*INQ. – Olha! Hoje a coisa tá mudada.*

*INF. – Hoje chama blush, no meu tempo era rouge. (risos).*

Curiosamente, podemos reparar que os depoimentos das duas informantes, extraídos da pergunta 191 do questionário semântico-lexical, que espera como possível resposta o item lexical *rouge*, são terminados com o riso, indicado na transcrição grafemática entre parênteses. A percepção de estar envelhecendo causa, entre outras manifestações, o riso, provavelmente porque o informante já espera que o fato de conhecer e usar um item lexical arcaico provocará riso no seu interlocutor.

## Considerações Finais

O presente trabalho visou, além da análise sociolinguística, a colaborar com o incentivo e com a iniciativa que, hodiernamente, parte da sociedade está tendo para melhor compreendermos e respeitarmos os idosos. A maioria de nós chegará à velhice, a cada dia os avanços científicos e tecnológicos nos proporcionam maior expectativa e qualidade de vida. O respeito, a admiração, o reconhecimento e a agregação que tivermos para com os idosos de hoje terão os jovens de amanhã conosco. Vale salientar que as denominações presentes na fala dos idosos também se encontram na fala das outras faixas etárias, porém, nos jovens, com menor ênfase. Já a forte marcação temporal se dá pelo fato de os indivíduos terem muitas histórias para contar, histórias às quais devemos estar atentos, primeiro, porque sempre é possível aprender com o exemplo dos outros e segundo, porque a doação de nossos ouvidos a quem tanto já se doou nada custa.

O presente estudo de elementos que situam a fala e o indivíduo idoso temporalmente permite, a título de conclusão, as seguintes considerações:

- (i) Os informantes analisados das quatro localidades baianas mostram a construção, projeção e manutenção da identidade social de faixa etária.
- (ii) Os informantes da faixa II do Projeto ALiB podem ser considerados como idosos/velhos pelo próprio sentimento dos indivíduos dessa faixa, que se veem e creem como velhos, como ilustram as passagens: *"É porque pra velho num tem coisa melhor que um papagaio, né? Só quem pode tolerar velho é um papagaio (risos). Eu já tô caminhando. (Risos)"* (Alagoinhas, Homem, 65 anos) e *"Hoje chama blush, no meu tempo era rouge."* (Salvador, Mulher, 54 anos).

Tudo o que aqui foi dito e investigado foi apenas um recorte do que é possível investigar em um *corpus* falado, não quisemos estabelecer verdades, mas expressar nossas opiniões, esperamos e trabalharemos para que a atenção dada à população idosa seja cada dia maior, visando sempre que a esses indivíduos não seja dado apenas o silêncio.

## Referências

- BUNSE, Sanimar. **Questões metodológicas para um estudo da fala do oeste do Paraná**. 2010. Dissertação (Mestre em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Comitê Nacional do Projeto ALiB. Atlas Linguístico do Brasil: Questionário 1998. Londrina: Ed. UEL, 2001. 47p.
- Comitê Nacional do Projeto ALiB. Atlas Linguístico do Brasil: Questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001. 47p.
- DEIRÓ, Viviane de Deus. **TU OU VOCÊ? O tratamento do interlocutor no português do Brasil a partir de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: ALiB**. 2009. Dissertação (Mestre em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Governo do Estado da Bahia. **A Questão do Idoso na Bahia**: problema emergente. Salvador: Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia – SEPLANTEC. Centro de Estatística e Informação – CEI. 1993. 38p.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- HOFFNAGEL, Judith Chambliss. A emergência de identidades na atividade discursiva falada e escrita. In: MOURA, Denilda (Org.). **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: [s.n.], 1999.
- MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer**: histórias, encontros, transformações. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica. 2003. 271p.
- MOTA, Jacyra. Reflexões sobre a arte de fazer inquéritos linguísticos. In: **Documentos 2**: projeto atlas linguístico do Brasil. MOTA, Jacyra Andrade. CARDOSO, Suzana Alice. (orgs.). Salvador: Quarteto, 2006. 278p.
- PRETI, Dino. **A linguagem dos idosos**: um estudo da Análise da Conversação. São Paulo: Contexto, 1991. 128p.

Recebido em 27 de novembro de 2011.

Aceito em 05 de abril de 2012.